

Catarina Dias
Mamute

Inauguração: 19 Setembro, 22 h
20 Setembro – 2 Novembro 2019
Terça a Sexta: 14 –19 h
Sábado: 10–13 h, 14–19 h

O que acontece debaixo do céu?

*None of it was real; nothing was real.
Everything was real; inconceivably real, infinitely dear.
These and all things started as nothing, latent within a vast energy-broth,
but then we named them, and loved them, and, in this way, brought them forth.*
George Saunders¹

Antecipa-se um eclipse. “Irá o céu cair sobre nós? Abrir-se-á a Terra sob nós?”, sussurra o visionário Valuska aos companheiros.² Não se ouve um som e o ar torna-se frio. “Conseguem senti-lo?”, pergunta-lhes.

Uma vez descrito o fenómeno, todos os indivíduos naquele antigo bar ocupam agora o seu centro, como se de um palco se tratasse, e dançam compassadamente. Dançam uma valsa lenta que anuncia esse momento original de desordem no universo, de premonição de um desastre. A raiz da palavra diz-nos isso mesmo: *des-astre*, um desagrupamento na posição dos astros, que se acreditava coincidente com um inesperado tumulto na vida dos homens. Eles dançam lenta e livremente, embriagados, naquele espaço escuro que ali representa o vazio do universo, reino de um infinito e atordoante silêncio, no qual protagonizam o movimento dos corpos celestes, numa ode à luz que foi devolvida à terra. Aguarda-se a vinda de um estranhíssimo colosso – cartazes espalhados pelas ruas anunciam a chegada de uma enorme baleia embalsamada à cidade, um *leviatã*.

Disse Antonioni que, porventura, durante um eclipse, por influência de uma manifesta imobilidade dos corpos, até mesmo os sentimentos se suspendem.³ Esta suspensão, enquanto perturbação na ordem do tempo, contrastante com uma profunda agitação do espírito na antecipação desses inevitáveis desastres que nos envolvem, leva-nos ao encontro do trabalho de Catarina Dias. Este advém de um pulsar, uma força primeira que procura tangibilidade nas palavras. Uma energia que se quer voz, audível. Esse fulgor, René Char encontrou-o nos traços das

¹ George Saunders, *Lincoln in the Bardo*, p. 335.

² Tradução livre do monólogo que inicia o filme *Werckmeister Harmóniák*, de Béla Tarr e Ágnes Hranitzky, baseado na obra *The Melancholy of Resistance* de László Krasznahorkai (1989).

³ Michelangelo Antonioni, *The Architecture of Vision*, p. 59.

pinturas primitivas da caverna de Lascaux, aquilo a que num poema apelidou de “besta inominável”. Na matéria concentrada que se faz palavra, Char evoca esse algo que, segundo Blanchot, “existe já antes de ‘tudo’, o imediato e o distante, o que é mais real do que todas as coisas e que é esquecido em cada coisa”⁴, que nos envolve e ultrapassa, e nos despe para a nossa forma mais vulnerável. Como um grande leviatã que não se pode figurar.⁵ Densidade latente que não deixa provas, mas vestígios, suspensos através de um gesto de recorte de formas de luz.

Cada poema recortado de Catarina Dias remete-nos para a procura de um corpo – “um poema que procura um corpo sem-eu”, como escreveu Maria Gabriela Llansol. Um corpo *sem-eu* porquanto é convocado num desvio da intuição imediata de si. Trata algo que está para além dele, inclui sempre um outro por vir. *Read this with love, read this without love*, podemos ler num desenho de Catarina. Uma expansão na procura de outro, que se efectiviza no reencontro e reconhecimento de si.

Entre as manchas aparentemente caóticas – que, na sua abstracção, convocam os mais reais cenários –, há um apelo à vigília. Na sua leitura, nos abismos e nas emersões que nela acontecem, o espectador está desarmado, permanece sem defesas, mas simultaneamente alerta. Um limiar de confronto. É nesta luta pulsante que “a transparência do pensamento se faz luz, pela imagem obscura que a retém, onde a própria palavra, sofrendo uma dupla violência, parece ser iluminada pelo silêncio nu do pensamento, parece consolidar-se, preencher-se de uma eloquente, incessante profundidade”.⁶ O pensamento faz-se corpo, tangível, nas formas de luz recortadas e na fluorescência das letras pintadas que, na sua artificialidade própria, anunciam algo a acontecer. Não como profecias, nem como ecos de uma qualquer voz de oráculo, mas enquanto mensagens de resistência. Resistência à indeterminação do mundo e a todos os *desastres* desconhecidos que ele abrange, ao devir do real tal como ele é, permanente acontecimento que sempre nos faz saber finitos.

E porque estes desenhos nos pedem demora, o tempo toma o lugar do espaço.⁷

Entre um imenso pano, um vídeo. Infinito fluxo de imagens em *white noise*.

4 Maurice Blanchot, *The Beast of Lascaux in A Voice from Elsewhere*, p. 58.

5 Herman Melville, *Moby Dick*, p. 295. «(...) somos obrigados a concluir que o grande leviatã é a única criatura do mundo impossível de retratar.»

6 Maurice Blanchot, *op. cit.*, p. 62.

7 Cf. Simone Weil, *La pesanteur et la grâce*, p. 122.

“Tempo que não pode ser acompanhado, que tem de ser acompanhado”.

Lugar sem lugar, onde “os pensamentos e os sentimentos provêm como projecteis, onde as imagens interiores, tão acentuadas como aceleradas, furam e perfuram com uma violenta, insuportável insistência”⁸. Suspensão do tempo num acto de espera. O próprio mundo em suspenso.

Porquanto a luz difere de todas as outras, e o silêncio é mais denso que todos outros, conta-se que, durante um eclipse, os primeiros homens acreditavam que um monstro celeste engolia o sol, envolvendo a terra numa repentina escuridão. Também se falava, com temor e admiração, de um homem que teria sido engolido por um gigantesco monstro marinho, tendo ficado entregue à profunda escuridão, para depois ser devolvido à terra, enfim liberto do seu castigo.

Mamute, na língua inglesa, adjectiva qualquer coisa de incomensurável.

Curiosamente, a figura colossal extinta que origina o termo, era pensada pelos antigos povos indígenas da Sibéria como um espírito das águas que vivia debaixo de terra. Conta-se que só saía à noite, e parecia quando avistado por alguém. Por essa razão, os homens estariam sempre na expectativa de o ver. Porém, somente lhe conheciam os vestígios, os sinais deixados, nitidamente vislumbrados no despertar da primeira luz da manhã. Essas marcas observadas à claridade, encontramo-las permanentemente no trabalho de Catarina Dias, na tradução dessa força indizível, nomeada e delineada, a partir da qual a nossa própria condição se ilumina.

Filipa Correia de Sousa

Setembro 2019

8 Henri Michaux, *Untitled Passages by Henri Michaux*, p. 8.

Catarina Dias
Mamute

Opening: 19 September, 10 pm
20 September – 2 November 2019
Tuesday to Friday: 2–7 pm
Saturday: 10 am – 1 pm, 2–7 pm

What goes on under the sky?

*None of it was real; nothing was real.
Everything was real; inconceivably real, infinitely dear.
These and all things started as nothing, latent within a vast energy-broth,
but then we named them, and loved them, and, in this way, brought them forth.
George Saunders¹*

An eclipse looms. “Will Heaven fall upon us? Will the Earth open under us?” whispers the visionary Valuska to his companions.² The air is silent, getting colder. “Can you feel it?” he asks them.

Once the phenomenon has been described, everyone inside the old bar moves towards its centre, as if it were a stage, and start dancing together. They dance a slow waltz that heralds that original chaotic moment in the universe, the premonition of disaster. The root of the word confirms it: *disaster*, from the Latin *dis* (apart, to pieces) + *astrum* (star), a rearrangement in the order of the stars that coincides with some unexpected upheaval in the life of the humans. Drunk they dance, slowly and freely, in a space that represents the emptiness of the universe, a kingdom of infinite and crushing silence. Each a celestial body praising the light as it shines back on the land. The strangest of colossus is expected in town — posters scattered on the streets announce the arrival of an embalmed whale, a *leviathan*.

Antonioni once said that during an eclipse, under the influence of the apparent stillness of the bodies, even feelings probably come to a halt.³ As a disturbance in the flow of time that belies the anticipation of these inevitable disasters that encircle us, this suspension leads us into the work of Catarina Dias. Her work emerges from a pulsing, primeval force that looks for tangibility in words. An energy that desires to become a voice, audible. René Char found this energy in the primitive paintings at Lascaux, what he called in a poem the “nameless beast.” As he renders concentrated matter into words, Char evokes that what, according

¹ George Saunders, *Lincoln in the Bardo*, p. 335.

² Opening monologue of *Werckmeister Harmóniák*, a film by Béla Tarr and Ágnes Hranitzky, based on the novel *Melancholy of Resistance* by László Krasznahorkai.

³ Michelangelo Antonioni, *The Architecture of Vision*, p. 59.

to Blanchot, “is already before ‘everything,’ the immediate and the faraway, what is more real than all real things and what is forgotten in each thing”⁴, what surrounds us and what surpasses us, that which strips us into our most vulnerable form. Just like a great leviathan we cannot represent.⁵ A latent density leaves no evidence, just traces suspended by a gesture that makes cut-outs from light.

Every one of Catarina Dias’ cut-out poems refer to the search for a body — “a poem in search of a body without an I”, in the words of Maria Gabriela Llansol. A body *without self* because it is convoked by an abrupt intuition of itself. It deals with something that is already beyond its possibilities, it always includes some other which is to come. *Read this with love, read this without love*, as we can read in one of Catarina’s drawings. An expansion that is part of a search for another, which materializes in the reunion with and acknowledgement of oneself.

Among the seemingly chaotic painted surfaces — which, in their abstraction, convoke the most real of sceneries — there is a plea to observance. Reading them, the abysses and emersions one might find in them, the viewer is defenceless but alert. A threshold of confrontation. It is in this pulsating struggle that “the transparency of thought comes to light through the obscure image that retains it, where speech itself, suffering a twofold violence, seems to be illumined by the naked silence of thought, seems to thicken, to be filled with an eloquent, incessant profundity.”⁶ Thought made into body, tangible, in the cut-out shapes of light and in the fluorescence of the painted letters that, in their own artificiality, announce something about to happen. Not as prophecies or echoes of a certain oracle, but as messages of resistance. Resistance to the indeterminacy of the world and to all the unknown *disasters* it encompasses, to the becoming of real as real as it can be, a permanent event that always makes us remember our finitude. And because these drawings ask us to linger on them, time takes the place of space.⁷

Between a huge cloth and a video, an infinite flux images with white noise. A “time that cannot be followed, that must be followed”. A place without place where “thoughts and feelings now proceed like projectiles, where inner images, as much

4 Maurice Blanchot, *The Beast of Lascaux in A Voice from Elsewhere*, p. 58.

5 Herman Melville, *Moby Dick*, p. 295.

6 Maurice Blanchot, *op. cit.*, p. 62.

7 Cf. Simone Weil, *La pesanteur et la grâce*, p. 122.

accentuated as accelerated, bore and drill with violent, unbearable insistence”.⁸ A suspension of time in a waiting act. The world itself suspended.

Because light differs from all others, and silence is denser than all others, it is said that early humans believed that, during an eclipse, a celestial monster swallowed the sun and caused the earth to be enveloped in a sudden darkness. They also told the story, in fear and awe, of a man who was swallowed by a colossal sea monster, kept in utter darkness and then coughed up back to the world, finally free from his curse.

In the English language, the word *mammoth* qualifies the incommensurable. Curiously, the native peoples of Siberia believed the colossal extinct being behind the word was a water spirit who dwelled underground. They believed it only to visit the surface at night and to die instantly whenever spotted by someone. Because of this, men lived in the expectation of seeing one, but only knew of the traces they left behind, clearly visible by the first light of morning. These traces they saw at dawn, we can find throughout the work of Catarina Dias, in the translation of this unspeakable force, named and drawn, that shines light into our own condition.

Filipa Correia de Sousa
Setembro 2019

8 Henri Michaux, *Untitled Passages by Henri Michaux*, p. 8.